

M - 241 - P. 12.54

O espanhol da lapa

DN { 29.1.67
1.8.48
23.9.69

11 581

CM 26.7.53

Rediv ME 15.6.63

O ESPANHOL

Ir para Copacabana já não tinha o menor sentido; seria regressar à idade moderna. Como dar adeus às sombras amigas, como deixar os fantasmas cordiais que se tinham abancado em volta, ou de pé, em silêncio, nos fitavam?

Era melhor can.baleiar pela triste Lapa. Mas então aconteceu que os fantasmas ficaram lá embaixo, quando subimos a escada. E dentro de meia hora chegamos à conclusão de que o meu amigo é que era um fantasma. A mulher que dançava um samba começou a fitá-lo, depois veio, depois chamou outras. Nós somos pobres, e a dose de vermute é cara. Como dar de beber a todas essas damas que rodeiam o amigo? Mas elas não querem beber vermute; bebem meu amigo com os olhos e perguntam seu nome todo. Fitam-no ainda um instante, reparam na boca, os olhos, o bigode, e se retiram com um ar de espanto; mas a primeira mulher fica, apenas com sua amiga mais íntima, que é mulata clara e tem um apelido inglês.

Em que cemiterio dorme, nesta madrugada de chuva, esse há quatro anos finado senhor de nacionalidade espanhola e provincia galega? Esse que vinha toda noite e era amigo de todas, e amado de Sueli? Tinha a cara triste, nos informam, igual a ele, mas igual, igual. Então meu amigo se aborrece; nen trabalha no comércio, nem é espanhol, nem sequer está morto, embora confesse que ama Sueli. Elas continuam: tinha a care assim, triste mas afinal era engraçado, e como era bom. E até aquele jeito de falar olhando a pessoa às vezes nos olhos, às vezes acima dos olhos, na testa nos cabelos, como se estivesse reparando uma coisa. Trabalhava numa firma importante e um dia um dos sócios esteve ali com ele, naquela mesa ao lado, e disse que quando tinha um negócio encrencado com algum sujeito duro, mandava o espanhol, e ele resolvia. Sabia lidar com pessoas; além disso bebia, bebia e nunca ninguém pode dizer que o viu bêbado. Só ficava meio parado e olhava as pessoas mais devagar. Mais de dez mulheres acordaram cedo para ir ao seu enterro; chegaram lá tinha tanta gente que todos ficaram admirados. Homens importantes do comércio, e família, e moças, e colegas de firma, automóvel mais automóvel, meninos entregadores em suas bicicletas, muita gente chorando, e no cemiterio houve dois discursos. Até perguntaram quem era que estavam enterrando. Era o espanhol.

Sueli e Betty contam casos; de repente o garção repara em meu amigo, e pergunta se ele é irmão do espanhol. Descemos. Quatro ou cinco mulheres vêm nos trazer até a escada, ficam olhando. Eu digo: estão se despedindo de você, isto é seu enterro. Meu amigo está tão bêbado que sai andando na chuva e falando espanhol e some, não o encontro mais. Fico olhando as árvores do Passeio Público com a extravagante idéia de que ele podia estar em cima de alguma delas. Grito seu nome, ele não responde. A chuva cai, lamentosa. Então percebo que na verdade ele é o espanhol, e morreu.

26/7/53 R. B.

437